



Jair Vitória

ZEZINHO, O DONO DA PORQUINHA PRETA



Serie Vaga-Lume

ea

editora ática

Este livro apresenta o mesmo texto das edições anteriores

Zezinho, o dono da porquinha preta

© Jair Vitória, 1981

Coordenadora de revisão

Revisora

Ivany Picasso Batista

Liliane Fernanda Pedrosa

ARTE

Layout de capa

Capa e ilustrações

Ary A. Normanha

Cirton Genaro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V828z

14.ed.

Vitória, Jair, 1943-

Zezinho, o dono da porquinha preta / Jair Vitória ; ilustrações

Cirton Genaro. - 14.ed. - São Paulo : Ática, 1999.

128p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-00118-7

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Genaro, Cirton. II.

Título. III. Série.

10-5218.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 00118-7 (aluno)

ISBN 978 85 08 05708-5 (professor)

2012

14ª edição

13ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



HISTÓRIA DE UMA GRANDE AMIZADE

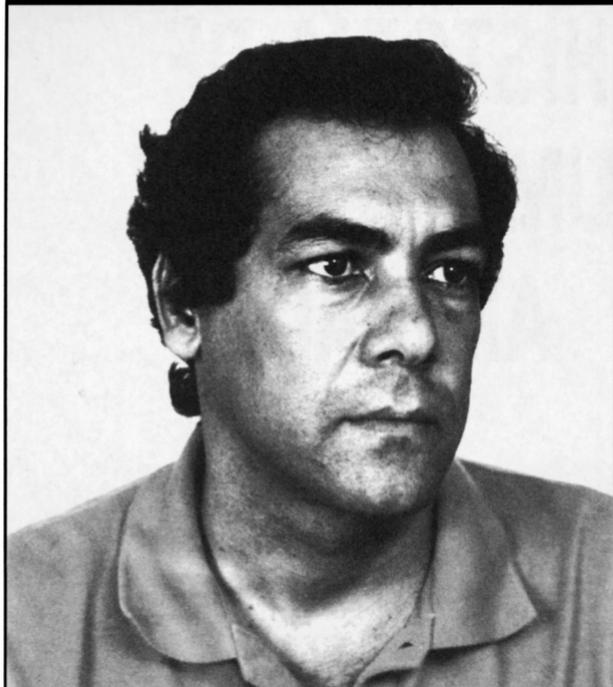


Você tem ou gostaria de ter um animal de estimação? Então, deve imaginar como é grande a união entre um garoto e sua porquinha, e como seria difícil a separação dos dois, não é mesmo? É o que conta Jair Vitória, neste romance comovente.

Zezinho é dono de uma porquinha preta por quem tem verdadeira adoração. Um dia, descobre que o pai pretende vendê-la e isso ele decididamente não quer admitir. Promete a si mesmo fazer tudo para evitar a venda, mesmo que isso acabe gerando alguns problemas entre ele e o pai. E aí começam as complicações...

*Em **Zezinho, o dono da porquinha preta**, você vai ficar conhecendo um menino que, com seu animal de estimação, aprende muito a respeito de si, de seu pai e do relacionamento entre os jovens e os adultos. Você vai se emocionar com esta bela história sobre a amizade. Boa leitura.*

CONHECENDO JAIR VITÓRIA



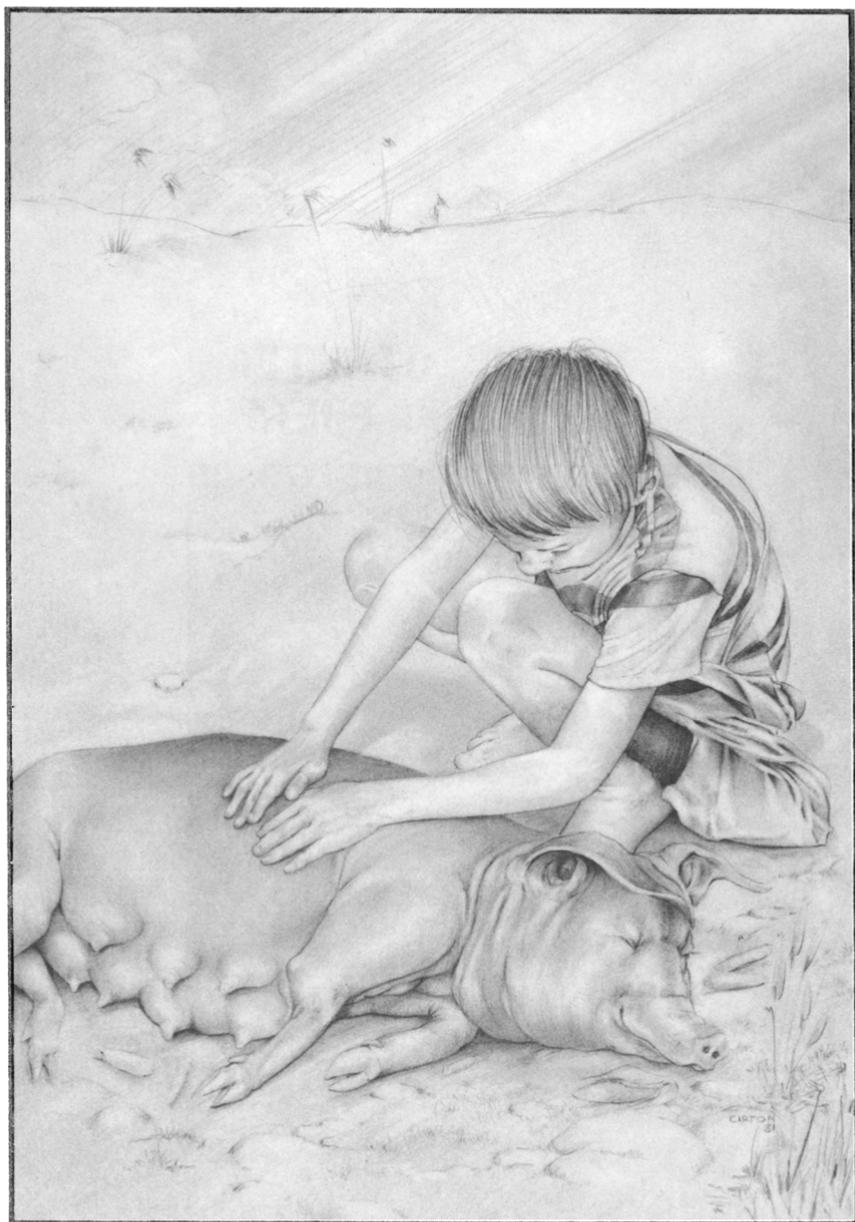
Nascido numa fazenda no Triângulo Mineiro, em 1943, Jair Vitória é filho de lavradores. Aos sete anos, mudou-se para Riolândia (SP), onde trabalhou na roça e começou a estudar. Foi na escola rural de Cardoso (SP) que recolheu na memória o material para escrever **Zezinho, o dono da porquinha preta**. Desde menino, apreciava os livros e, adulto, formou-se em Letras pela Universidade de São Paulo. Escreveu vários livros, muitos dos quais dedicados especialmente ao leitor jovem. Jair Vitória mudou-se para Brasília em 1978, onde passou a lecionar na Fundação Educacional.

Jair Vitoria

**ZEZINHO, O DONO DA
PORQUINHA PRETA**



*Para Lucilene, minha filha, com um ano
e seis meses quando este livro foi escrito.*



Zezinho coçava a papadinha dela, as orelhas, a barriga e, roncando, a porquinha deitava e se esticava.

1

Z EZINHO chegou em casa com os olhos arregalados, olhando para o pai. Tinha acabado de receber uma notícia desagradável quando chutava uma bolinha de borracha com os colegas da fazenda onde moravam.

— Seu pai vai vender a Maninha pro papai, Zezinho.

Valtério falou isso com alegria nos olhos. Maninha era a porquinha preta que o Zezinho tinha criado desde leitoinha. A porquinha órfã tinha sido criada no quintal, dentro de casa. Tinha então se tornado mansinha feito uma cadelinha. Foi crescendo e ficando cada vez mais mansa. Zezinho gritava:

— Maninha, vem cá, Maninha.

A porquinha levantava roncando e corria para o menino. Foi sendo ensinada assim desde pequenininha. Chegava perto do menino, esfregava a cabeça ou o lombo nas pernas dele e ficava roncando. Zezinho coçava a papadinha dela, as orelhas, a barriga e roncando a porquinha deitava e se esticava. Fechava os olhos de feliz que ficava.

Assim foi que a Maninha cresceu dando trabalho dentro de casa. Fazendo travessuras. Vivia se enrolando nas pernas das pessoas e a mãe do menino chegava a fazer ameaças sérias.

— Eu mato essa leitoinha, Zezinho. Dentro de casa não é lugar de criar porco. Nem no quintal.

— Vou fazer um chiqueirinho pra ela.

— É preciso soltar isso pra larga.

— Ela tá pequenininha, mãe. Os porcos deitam em cima dela e ela morre macetada.

Maninha mamou numa mamadeira. Primeiro foi só o Zezinho a cuidar dela. Depois os irmãos e as irmãs passaram a ajudá-lo de vez em quando, principalmente a Ondina e a Olívia. Maninha foi ficando bonita. Agora ia dar cria. A barriga dela estava quase arrastando no chão.

E o pai ia vender a Maninha mesmo? Isso era uma coisa que não podia acontecer. A Maninha não era do pai! Mas o pai era durão e fazia o que bem entendesse. Costumava até dizer:

“Menino não tem querer. Menino não tem nada aqui em casa. Só tem a roupa que veste e a comida que come.”

Então ele não podia discutir com o pai. Nunca discutia. Nem pensava em discutir. Nem podia expor seu sentimento. Era o pai falar e todo mundo calar.

Ficou olhando para a figura poderosa do pai. Os olhos arregalados. O pai nem parecia se importar com a figurinha dele. E ele nem tinha coragem de perguntar se o pai ia mesmo vender a Maninha para o pai do Valtério. Mas precisava abordar o assunto:

— Será quantos leitão a Maninha vai dar, pai?

— Uma meia dúzia. Mas antes de ela dar cria, eu quero é passar ela nos cobres.

Ih, o pai ia mesmo vender a porquinha antes de ela dar a primeira cria. Isso doeu por dentro parecendo até que ele estivesse respirando um outro ar. Chegava a desmoronar-se. Começou a suar diferente de quando estava jogando futebol. Estava todo oprimido. Entretanto arrancou a voz lá do fundo da alma:

— Ma-mas vender a Maninha, pai?!

— É, o Martinho tá interessado. Então a gente aproveita e tira um bom dinheiro dele.

Zezinho coçou o pescoço, o peito. Queria chorar e gritar que ele não deixava ninguém vender a Mani-

nha. Que aquela porquinha era dele. Que ele é quem tinha criado aquela porquinha com todo o dengo. Ora, tinham deixado a leitoinha ao abandono do frio de julho e então ele a recolheu, deu-lhe comida, amamentou-a na mamadeira e agora não podia ser o dono dela?

Arregalou os olhos para o pai novamente. No mesmo instante o pai chamou o Orlando, o irmão mais velho e falou autoritariamente.

— O quintal tá aí no mato e você mais o Zezinho só correndo atrás de bola depois do estudo. Quero esse quintal limpo logo.

Orlando estava de pé no terreiro da cozinha. O pai sentado ali num banco de madeira. Zezinho todo encabulado ali perto. O assunto importante para ele era a Maninha, mas o pai nem ligava para o fato. Ia vender a porquinha de estima dele e pronto.

Zezinho afastou-se dali decepcionado. Foi parar debaixo da figueirinha que dava sombra ao chiqueiro e ficou pensando. Precisava dar um jeito de evitar que o pai vendesse a porquinha preta. Tinha certeza que o Valtério é que tinha pedido ao pai para comprar a Maninha. Ora, o Valtério já tinha falado que gostaria de possuir uma porquinha mansinha daquele jeito; que gostaria de possuir a Maninha. E tinha falado isso mais de uma vez.

O pai do Valtério tinha condições de comprar a Maninha até por mais do que ela valia. Ele era um dos lavradores mais bem situados ali na fazenda Ipê Branco. Zezinho achava que sim.

Sentia até vontade de brigar com o Valtério. Rangeu os dentes e prometeu quase falando sozinho.

“Quebro o nariz dele até sair sangue.”

O sol ia serenando os ânimos do dia. Zezinho não serenava com o acalmar da tarde. Ficava era ali isolado, triste da vida. Queria chamar a Maninha, mas até para isso faltava a inspiração. Ele que estava doidinho para ver a cria da porquinha, cuidar da ninhada com carinho, via-se destruído no seu sonho.

“Quebro o nariz do Valtério. Aquele implicante.”

Os passarinhos se agitavam no costumeiro alvo-roço do entardecer. Zezinho nem se lembrava do estilingue para atirar pedras nos pássaros-pretos. Estava amuado. Tinha que arranjar um jeito para evitar a venda da Maninha, sem o pai saber. Se o pai soubesse que aquele menino estava tramando alguma coisa contra o negócio, ia ser uma surra para deixar saudade sangrando de dor.

— Zezinho.

Ele virou depressa. Era a Olívia, a irmãzinha de cinco anos. Ela continuou.

— Viu só!? O papai vai vender a Maninha!

— Foi aquele Valtério bocudo que pediu pro pai dele comprar ela. Dá vontade de esbagaçar o nariz dele.

— Foi ele!?

— Foi sim. Sujeitinho ladrão. Isso é roubo. Chegou lá no campo e foi falando pra mim: “O papai vai comprar a Maninha do seu pai”. Com aquela cara lambida e aquela bocona. Tava era abusando de mim. Vou pregar um soco no nariz dele pra botar sangue. Ele vai ver. Ele me paga.

— Mas ele é mais grande que você, Zezinho!

— Isso não tem importância. Eu brigo assim mesmo. Não tenho medo de ninguém.

O pai berrou nessa hora:

— Zezinho!

— Senhor — e estremeceu por dentro. A voz do pai era um trovão abalando o sentimento do menino.

— Vai ajudar o Orlando debulhar milho pros capados. Só quer viver atrás de passarinho. Uma hora eu pego esse estilingue e te prego no lombo.

Zezinho saiu apressadamente. Ordem do pai era ORDEM de verdade. Não era brincadeira. Nem era bom pensar em contrariá-lo. Correu e foi ajudar o irmão no paiol.

2

O RLANDO estava com uma cara zombeteira descascando as espigas de milho. Estava debochando do sentimento dele? Se estava.

— Andava com muita coisa com a Maninha e agora o papai vai vender ela, hein, Zezinho!?

Arregalou os olhos para o Orlando e respirou profundamente. Quis xingar e chorar, mas apenas engoliu o amargo da situação. Apanhou uma espiga de milho e começou a debulhar sem dizer nada. O irmão continuava azucrinando a sensibilidade dele.

— Agora eu quero ver você dizer que a Maninha é só sua.

Continuou trabalhando e rangendo os dentes. O milho debulhado ficava uma noite ou mais de molho na água para os porcos de engorda. O pai dizia que aquele milho engordava mais depressa. Zezinho achava que aquilo era somente para dar trabalho aos filhos.

— A cara dele. Tá até com o nariz vermelho.

— Eu te taco uma espiga dessa na cara, Orlando.

— Ih, o papai vem vindo ali.

Silenciaram e ficaram bonzinhos. O pai vinha chegando, pigarreando. Entrou no paiol, apanhou meio jacá de milho com palha e tudo e sem dizer nada foi jogar para os porcos magros que viviam soltos.

Orlando soltava aquelas risadinhas debochadas olhando para a cara do irmão. Zezinho não levantava a cabeça. Estava com um nó na garganta, enfezado, o nariz até meio vermelho.

O pai soltou uns gritos fortes chamando os porcos magros para o chiqueiro e os animais correram grunhindo, roncando. Ouviram o pai batendo espigas nas lascas da cerca e lançando no chiqueiro. Algumas galinhas ainda correram e foram bicar grãos.

— É preciso tratar desses porcos mais tarde por causa das galinhas. Bicho praguejado.

Ouviram o pai ralhando. Orlando azucrinava o irmão.

— Então o Valtério tá te tomando a Maninha, Zezinho!?

— Vai amolar os porcos — Zezinho quase gritou.

— Cuidado que o papai tá ali. Se ele escutar, te pega e dá uma surra.

Zezinho continuou o trabalho. Tinha que dar um jeito de evitar a venda da Maninha. Ia dar um jeito. Levasse ou não uma sova ou até mais, mas a porquinha preta não seria vendida com facilidade. Senhor Martinho era um homem bom e tinha certeza que se pedisse ao pai do Valtério para não comprar a Maninha, ele ia atender. Mas tinha de pedir também que ele não contasse nada ao pai. Era isso mesmo.

— Já chega, Zezinho.

Levantou dali e foi olhar os porcos. Era a boquinha da noite. Viu a Maninha surgir dos matos, amojada, arrastando as tetas no chão. O pai estava olhando os cinco porcos de engorda, um pouco para cima.

— Maninha, Maninha.

A porquinha correu para o menino, roncando. Zezinho abaixou e afagou as orelhas dela. A porquinha foi se esticando. O menino coçou a papada dela e depois a barriga. Maninha deitou beirando a cerca e deixou ser afagada. Fechou os olhos e ficou toda feliz.

— O papai tá querendo te vender pro seo Martinho, Maninha.

“Ronc-ronc-ronc.”

— Mas eu não vou deixar. Vou dar um jeito de esconder você no mato. Acho que vou fazer um chiqueirinho pra você lá no meio do mato bem longe e ninguém vai achar.

“Ronc-ronc-ronc.”

— Não vai ter perigo de bicho não. Você vai dar cria lá. Todo dia eu vou lá escondido do papai pra levar comida pra você.

— Zezinho.

— O que foi, Olívia? Vai pra lá.

— Tá conversando com a Maninha? Tá falando o quê?

— Não é do seu nariz.

— Eu quero é te ajudar, Zezinho. Eu não quero que vende a Maninha de jeito nenhum. Vou falar pro papai não vender.

— E você tem coragem?

— Eu falo que foi você que mandou.

— Fala isso pra você ver! E depois, quem vai apanhar?

Olivinha coçou o braço esquerdo. Depois abai-xou-se e começou a coçar a barriga da porca.

— Ela vai dar cria logo, né Zezinho?

— Vai.

— Por que você não põe ela no quintal?

— O papai não quer deixar.

— Por quê?

— Disse que vai fuçar nas mandiocas e vai querer só ficar dentro de casa que nem quando era leitoinha.

— E no mato o guará não come os leitãozinho, se achar?

— E não é só o guará não. É cachorro-do-mato, cachorro de casa. Mas a Maninha não vai deixar.

— Será que o papai vai vender ela antes de ela dar cria?

— É... Acho que sim.

Maninha ficou sozinha no escuro. Tinha a cor da noite e às vezes roncava pertinho e não era vista no escuro. Zezinho foi para dentro um tanto amolado da vida. Nada havia que o fizesse rir naquela hora. Ser